



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA OBRA “ATOS IMPUROS-1987”: BENEDETTA CARLINI E BARTOLOMEA CRIVELLI A “SERVIÇO” DE DEUS E DOS DESEJOS

**ALINE DA SILVA LINHARES – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(CERES)**

**KYARA MARIA DE ALMEIDA VIEIRA – Universidade Federal de Campina Grande
(PNPD/UFCG)/Grupo Flor e Flor-Estudos de Gênero (UEPB/CNPq)**

A proposta desse trabalho é discutir as narrativas sobre a vida de Benedetta Carlini de Vellano, abadessa do Convento da Mãe de Deus, na cidade de Pescia – Itália, no século XVII, tomando como referência a obra *“Atos Impuros- a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença”* (1987) escrita pela autora Judith Brown, a partir de um inventário de documentos encontrados no Arquivo do Estado de Florença. Analisaremos os papéis de gênero compartilhados na sociedade em que viveu Benedetta e como as práticas realizadas por esta transgrediram alguns códigos culturais. Uma vez sendo freira, através das visões místicas que tivera, Benedetta dizia-se noiva de Jesus e que incorporava um anjo nas ocasiões em que mantinha relações afetivo-sexuais com sua acompanhante, a freira Bartolomea Crivelli. Assim, problematizaremos as representações da sexualidade narradas por Judith Brown sobre as experiências de Benedetta e Bartolomea que, dizendo-se a “serviço” de Deus, não se furtavam à realização dos seus desejos. Quebrando os votos de castidade, mas também ocupando espaços e posições de poder dentro do Convento, a narrativa nos possibilita problematizar a fixidez muitas vezes associada aos papéis de gênero, como também sugere estradas diferentes e múltiplas para a discussão sobre a efetivação do desejo/amor entre mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: História. Gênero. Lésbica.

“A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio.” (1 Timóteo 2: 11-12)

“Isso significa que os olhos vêem o que querem e poder ver através de uma “política de esquecimento”: apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época.” (SWAIN, 2000, p. 15)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

As palavras do Apóstolo Paulo a Timóteo, nos mostra como as mulheres deveriam se portar na sociedade. A elas cabia o silêncio e esse seria uma de suas maiores virtudes. Guiadas e tuteladas aos homens, as mulheres não eram protagonistas de suas histórias, ficavam com o papel de coadjuvantes, “cuja ação limita-se a *aceitar* ou *negar*, raramente sendo vista como capaz de *criar* enquanto sujeito de sua própria história” (ENGEL, 1997, p. 433) O silêncio a que eram submetidas, fazia com que seus desejos e vontades fossem enclausurados, entretanto, silenciar, não significa falta de sentir. A história da vida de Benedetta Carlini de Vellano nos permite ir contra esse silêncio e enclausuramento dos desejos, nos mostra que há maneiras de burlar as regras que são impostas, nos mostra ainda, que no silêncio há uma vida que pulsa, há vontades que vibram em cada parte do corpo, mas principalmente torna visível história de mulheres que preferem, se apaixonam, desejam, amam e sentem prazer por (e com) outras mulheres.

A história de Benedetta Carlini ultrapassou os séculos e passou a ter outras significações a partir de documentos encontrados no Arquivo do Estado de Florença, pela autora Judith Brown, e estes possibilitaram a mesma construir uma narrativa intitulada “Atos Impuros - A vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença” (1987).

Encontrei Benedetta Carlini por acaso, ao folhear um inventário de documentos praticamente esquecidos no Arquivo do Estado de Florença. O registro no inventário diz: “Papéis relacionados ao julgamento da Irmã Benedetta Carlini de Vellano, abadessa das freiras teatinas de Pescia, que se passava por mística, mas que se descobriu ser uma mulher de má reputação.” (BROWN, 1987, p.11)

Os usos de processos eclesiásticos se constituem como uma das fontes privilegiadas para o estudo dos discursos e das práticas cotidianas dos indivíduos em relação ao sexo, assim, “não apenas expressam os discursos normativos/disciplinadores das condutas sexuais, como também deixam entrever, através das confissões e depoimentos das pessoas envolvidas, aspectos das vivências sexuais.” (ENGEL, 1997, p. 444). Nesse sentido, através da análise da história de Benedetta Carlini, a autora Judith Brown nos mostra a formação e o cotidiano dentro dos conventos, o papel das mulheres na sociedade, além de analisar como os



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

européus da Itália do século XVII se comportavam frente às relações afetivo-sexuais entre mulheres.

“Atos Impuros” (1987) é um ensaio histórico, dividido em oito (8) partes¹ para contar a história de Benedetta Carlini de Velanno, freira do Convento da Mãe de Deus, na cidade de Pescia, próximo a Florença, no século XVII. A mesma entra para o convento quando criança e na juventude começa a ter visões místicas e dizendo sentir fortes dores, passa a ser acompanhada pela freira Bartolomea Crivelli. Entretanto, desconfiados das visões de Benedetta, que afirmava ter contatos com Cristo, chegando a casar com o mesmo, os eclesiásticos abriram um inquérito para averiguar a veracidade das visões da freira. A conclusão dos eclesiásticos foi que Benedetta e sua acompanhante Bartolomea mantinham relações afetivo-sexuais há mais de 2 (dois) anos.

Antes de enveredarmos pela história de vida de Benedetta Carlini, é preciso saber quais os papéis que homens e mulheres ocupavam na sociedade em que a mesma viveu. Nesse período as mulheres não tinham qualquer possibilidade de escolha e decisão sobre suas vidas: cabia a elas os trabalhos no âmbito privado, ficando responsáveis pelos cuidados do ambiente doméstico. Assim, enquanto solteiras estavam sob os cuidados e prestando obediência ao pai, e quando casadas ficavam submetidas e subordinadas aos maridos. Já os homens eram responsáveis pela economia e a política, até então esferas consideradas âncoras da sociedade.

A inferioridade feminina é representada também no modo como a sociedade via a sexualidade nesse período, desse modo, não era admitido que uma mulher se sentisse atraída sexualmente por outra, já que “não havia nada numa mulher que pudesse despertar o desejo sexual de outra mulher.” (BROWN, 1987, p. 14). Além disso, mesmo conscientes da existência de relações afetivo-sexuais entre mulheres², a pretensa inferioridade feminina

¹ O livro está dividido nos seguintes capítulos intitulados: Introdução, A família, O Convento, A freira, A primeira investigação, A segunda investigação, Epílogo, Apêndice. Nessa última parte Judith Brown faz a análise de alguns documentos a partir de trechos selecionados.

² Judith Brown (1987) faz uma discussão no início de seu livro para justificar o uso da expressão “lésbica” para tratar da relação afetivo-sexual entre mulheres. O cuidado da autora se deve ao fato de que esse termo ainda não existia com o significado que irá adquirir a posteriori. Segundo Mott (1987, p. 11), a palavra lésbica com o significado de “*homossexual feminina só aparece na literatura francesa por volta de 1842, e na inglesa em 1870. No Brasil, ao menos desde 1894 o criminalista Viveiro de Castro introduziu o termo lésbia como sinônimo de “invertida sexual”*”. Mott (1987, p. 11) ainda afirma que o **Vocabulário da Língua Basílica**, de 1621, traduzia o tupi *çacoaimbeguira* como “*machão, mulher que não conhece homem e tem mulher, falando e pelejando como homem*”. Lésbia, lésbica, lesbiana, lesbíaca pode significar tanto uma pessoa natural da Ilha de



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

explicava o fato de a sociedade ignorar essas relações, tendo em vista que as mulheres não eram capazes de relacionar-se com outras por vontade e/ou desejo, mas como uma maneira de atingir a superioridade masculina, desafiá-los ou até de praticar esses atos como forma de tornarem-se mais experientes para as relações sexuais com os homens. Assim:

(...) esse pequeno exercício, como ouvi dizer, não passa de uma aprendizagem para alcançar o maior (amor) dos homens; porque depois que elas são excitadas e preparadas por uma outra, sua excitação não passa, a não ser que se banhe numa corrente mais viva e ativa (...) Porque no fim das contas, como ouvi muitas damas contarem, não há nada como um homem; e o que elas conseguem de outras mulheres são apenas estímulos para irem se satisfazer com os homens. (BROWN, 1987, p. 20)

A relação afetivo-sexual entre mulheres não era considerada devido à ausência do falo, “sua visão de sexualidade humana era falocêntrica” (BROWN, 1987, p. 14), portanto, só era pensada na sociedade a partir do binarismo homem-mulher, nesse sentido, “onde não existe um homem não pode existir emoção ou prazer, nem mesmo amizade. Neste raciocínio, as mulheres apenas teriam existência em dupla com um homem.” (SWAIN, 2000, p. 4). Portanto, só haveria prazer caso houvesse a penetração peniana. Mas, o desconhecimento dos indivíduos em relação à sexualidade feminina nos mostra ainda a falta de um termo adequado para as relações afetivo-sexuais entre mulheres, nesse sentido mulheres que se relacionavam com outras eram chamadas “*fricatrices*, que eram mulheres que bolinavam umas às outras, ou tríbadas (...)” (BROWN, 1987, p. 28) Essa confusão na terminologia fez com que a sociedade europeia não deixasse muitos documentos a respeito dessas relações, provocando consequentemente a invisibilidade destas.

Em uma sociedade em que a figura feminina não tem voz ativa e seus desejos e vontades são solapados Benedetta Carlini nasce, e assim como a maioria das mulheres de seu tempo, não tem muita possibilidade de tomar qualquer tipo de decisão sobre o que quer fazer com sua vida. Aos 9 (nove) anos os pais de Benedetta a colocaram na instituição religiosa das

Lesbos no mar Egeu, como a língua aí falada. Ainda pode ser o nome de mulher, como a eleita por Catulo e até nome de uma família de colibris. Ver. Mott (1987, p. 10-11).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

teatinas, que só veio a ser reconhecida como um convento em 1620, momento em que a mesma é eleita pelas outras freiras como sua abadessa.

Importante notar como através de suas visões Benedetta conseguiu ao mesmo tempo ocupar espaços até então não permitidos as mulheres, pois conseguiu ser eleita abadessa e, além disso, entregar-se aos desejos e ao amor por outra mulher. A freira afirmava que tinha encontros com Cristo e certo dia apareceu com os estigmas pelo corpo, fato testemunhado por sua acompanhante Bartolomea Crivelli, que disse ter visto Benedetta recebê-los:

Quando eu estava na cama, entre duas e três da noite, veio-me o pensamento de passar pelos sofrimentos que Cristo passou, e quando eu tive esse pensamento, um crucifixo, com um homem vivo crucificado, apareceu e ele perguntou se eu queria sofrer por amor a ele que era Jesus Cristo (...) e pareceu-me que aqueles raios que saíam de suas chagas gravavam-se em minhas mãos, pés e ao lado do tórax. E em sua cabeça eu vi muitos raios, pequenos, que pareciam rodear minha cabeça e eu senti uma dor horrível nas mãos, nos pés, no flanco e na cabeça. (BROWN, 1987, p. 88-9)

Após afirmar ter algumas visões com anjos e com Jesus e de ter recebido os estigmas, Benedetta foi eleita abadessa pelas outras freiras do Convento, fato incomum para o período, pois o Concílio de Trento determinava que o cargo para abadessa deveria ser ocupado por uma freira com mais de 40 (quarenta) anos de idade, entretanto, Benedetta conseguiu chegar a esse cargo no Convento com 30 (trinta) anos de idade. Mas, além disso, através das visões que dizia ter, conseguiu ter vez e voz na instituição, realizando sermões para as outras freiras, momento em que dizia para as mesmas se autocastigarem como uma forma de penitência.

Dizendo-se incorporada por um anjo, Benedetta conseguiu não apenas proferir sermões, mas fez-se ouvir por homens, como o prepósito da Pescia, tendo em vista que o mesmo foi várias vezes ao Convento para ouvi-la. A atitude da freira era impensada naquele período, pois a mulher deveria manter-se em silêncio, já que “desde os primeiros dias da Igreja, as mulheres foram proibidas de falar dentro da casa de Deus, assim como de pregar, ensinar ou falar em público.” (BROWN, 1987, p. 90-1) Assim, burlando as regras e normas instituídas desde os primeiros dias da Igreja, Benedetta rompe o silêncio a que era



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

constantemente submetida e através das palavras fez-se conhecida e reconhecida fora dos portões do Convento, já que as freiras ainda não estavam em clausura total.

As visões de Benedetta a levaram por outros caminhos nada sagrados, já que a “serviço” de Deus possibilitou que seu silêncio fosse transformado em ardorosos e apaixonados momentos de amor e desejo com Bartolomea. “Incorporar” o anjo Splenditello, ou seja, o instante em que fazia a conexão com o mundo espiritual, era também o momento no qual “Benedetta afirmava estar derretendo de amor por Bartolomea (...) Ela não apenas oferecia amor, ela queria também ser amada.” (BROWN, 1987, p. 178). Desta forma, a documentação não apenas torna visível a sexualidade feminina, mas o fato de Benedetta oferecer amor e querer ser amada com/por Bartolomea, também nos permite pensar sobre o desejo, a paixão, o amor entre duas mulheres implicado na implosão do modelo binário heterocentrado, definido pelos papéis duais dos gêneros (“passivo para as mulheres/ativo para os homens”)³, que irá ser ratificado pela Ciência Moderna no século XVIII/XIX.

Corpos que se tocaram e mantiveram uma relação afetivo-sexual por mais de 2 (dois) anos, sem que para isso fosse necessário qualquer objeto que lembrasse o falo para haver a efetivação do prazer: “o testemunho de Bartolomea deixava claro que nenhum “instrumento material estava envolvido na relação.” (BROWN, 1987, p. 172). As duas freiras sentiam prazer nos corpos uma da outra, tocando-se, beijando os seios, masturbando-se, beijando os genitais, sugerindo que o prazer não se limita ao fato de ser penetrada, mas que “se encontra principalmente no contato entre os corpos, no cheiro, no gosto, no calor que a troca entre duas ou mais pessoas pode proporcionar.” (FAVARIN, 2014, p. 4)

Todavia, é preciso considerar que estamos falando sobre o século XVII, e nesta época os investigadores eclesiásticos não concebiam a ideia da satisfação sexual entre mulheres: “Mas que aquelas duas mulheres pudessem procurar satisfação sexual uma com a outra era

³ O modelo *two-sex model*, que parte do “princípio de que existe um dimorfismo radical e original da sexualidade.” (COSTA, 1995, pp. 101-103), também tem sua historicidade, tendo em vista que durante dois milênios, o modelo que dominou o pensamento anatômico foi o *one-sex model*, e nesse modelo a mulher era entendida como sendo um homem invertido: o útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis. Antes do *two-sex model* a diferença entre homens e mulheres era percebida, mas não era explicada pela diferença originária dos sexos. A partir do século XVIII a Sexologia, depois das suas provas científicas, passa também a concordar com os filósofos e moralistas do Iluminismo os quais defendiam que *naturalmente* homens e mulheres eram diferentes pela particularidade sexual. Assim a identidade sexual torna-se um destino: ter um pênis ou uma vagina seria a bússola do destino dos sujeitos. (VIEIRA, 2006, p. 21)



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

virtualmente inconcebível.” (BROWN, 1987, p. 170) Entretanto, o fato de ser inconcebível não tornava impossível de ocorrer. A documentação dar a ver que as práticas sexuais de Benedetta e Bartolomea ocorriam não só na cela dividida pelas duas, mas também na sala de Benedetta, o que nos sugere uma satisfação sexual, colocando em evidência que “no imprevisível do desejo, as mulheres podem se conectar com os variados sentimentos e sensações que seus corpos possam produzir/ sentir/ ter.” (VIEIRA; MAIOR JR., 2013, p.8-9) e que para a efetivação do desejo não há hora ou lugar, pois as duas não limitavam suas práticas apenas ao turno da noite, mas também durante o dia, “durante as mais solenes horas do Nosso Senhor, de sua Mãe e de outros santos.” (BROWN, 1987, p. 173)

Através dos toques, dos beijos e carícias, a narrativa das duas freiras tira da obscuridade e faz visível a relação de amor, desejo, atração entre mulheres e o prazer que o corpo de uma mulher pode proporcionar a outra, momento em que as duas assumem um papel ativo na relação, subvertendo o modelo das relações heterocentradas em que à mulher é reservada a postura passiva frente ao homem:

Benedetta, a fim de obter maior prazer, colocava o rosto entre os seios da outra e os beijava (...) ela puxava a mão de sua acompanhante (...) colocando-a sob si mesma, ela fazia pôr o dedo em seus genitais e, segurando-o lá, ela se mexia bastante até se corromper. E a beijava e, (...) colocava sua própria mão sob a acompanhante e seu dedo em seus genitais e a corrompia. (BROWN, 1987, p. 226)

‘Corromperem-se’, como nomeia a documentação, era o momento mágico em que as duas mulheres chegavam ao gozo, e em conexão com os dedos ágeis, ambas se permitiam ir além do que estava estabelecido para seus corpos, femininos e prometidos à castidade; ‘corromperem-se’ era se permitirem mexer bastante e dançar nas mãos uma da outra em busca do ápice da profusão de um corpo em chamas pelo desejo. Nesse sentido “a representação da sexualidade lesbiana (...) rompe com as relações dominantes de gênero, ao excluir a figura do homem e colocar a mulher em uma posição de sujeito atuante.” (BAILEY, 1999, p. 407)

As práticas sexuais e os encontros amorosos entre as duas freiras tiveram fim com as investigações eclesiais sobre as visões místicas de Benedetta e a descoberta de sua relação afetivo-sexual com Bartolomea. Nesse sentido, essa escrita não poderia terminar sem que



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

antes analisássemos os motivos que levaram ao aprisionamento de Benedetta dentro do convento por 35 (trinta e cinco) anos. Ao contrário do que poderia se supor, a documentação aponta para o fato de a condenação da abadessa não está vinculada ao fato de ela ter se relacionado afetivo-sexualmente com outra mulher, “mas à sua alta posição dentro do convento, às suas alegações de favores milagrosos e à sua notoriedade.” (BROWN, 1987, p. 195). Benedetta conseguiu ser eleita abadessa do Convento da Mãe de Deus antes da idade permitida na época e, através das visões místicas que dizia ter, conseguiu ser conhecida além das paredes do convento, tendo em vista que em 1618 quando as freiras teatinas foram para novos alojamentos, Benedetta entrou em transe durante a procissão e disse estar vendo anjos e sendo saudada pela Virgem, acontecimento presenciado pelas pessoas da cidade e, nesse período, se no decorrer de uma procissão religiosa “a Virgem aparecia a um participante (...) o local onde a visão ocorrera podia tornar-se um centro de peregrinação.” (BROWN, 1987, p. 87). Portanto, esse acontecimento deu fama a Benedetta, fazendo com que a mesma fosse influente e muitas pessoas passaram a devotá-la.

Podemos pensar que a penalidade imposta a Benedetta não está vinculada aos atos sexuais praticados por ela e Bartolomea, pois se estes tivessem sido considerados como sodomia, ambas teriam sido condenadas a serem queimadas na estaca. Além disso, mesmo que a documentação pouco trate do fim de Bartolomea, é possível antever que esta não foi aprisionada, e conseguiu voltar a ter uma vida de freira comum, realizando as tarefas dentro e fora do convento junto às outras freiras.

Importante destacar que “no século XIII (...) as relações lésbicas, assim como as relações homossexuais masculinas, foram rotuladas de sodomia.” (BROWN, 1987, p. 26), um pecado contra a natureza assim nomeado a partir da referência à cidade de Sodoma que, segundo a Bíblia judaica, foi destruída por Deus devido aos atos imorais praticados por seus habitantes⁴. Há relatos de práticas sodomíticas em que eram utilizados objetos materiais na relação sexual entre mulheres, e esse fato era considerado por “muitos juízes, o pior ato sodomítico possível.” (BROWN, 1987, p. 194). Por outro lado, havia mulheres que se vestiam

⁴ O termo homossexual foi criado pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert em 1869, mas só entrará para a linguagem corrente dos franceses e ingleses na década de 1890. Benkert cria o termo com o intuito de marcar uma forma distintiva de sexualidade, *uma variante benigna da potente mas impronunciada e mal definida noção de 'sexualidade normal'*. (VIEIRA, 2006).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

como homens, o que era um crime grave, pois “o travestimento golpeava o cerne das relações de gênero e de poder na Europa.” (BROWN, 1987, p.194), na medida em que essas mulheres tentavam ocupar os lugares masculinos.

Outro elemento que embasa a hipótese de Benedetta não ter sido condenada pelas práticas sexuais é o fato de ter havido casos de freiras condenadas de maneira similar, em consequência de ter obtido reconhecimento parecido com o da abadessa através de visões místicas, entretanto diferente desta, as freiras não se envolveram em relações afetivo-sexuais com outra mulher. Nesse sentido, a popularidade de Benedetta, pode ter sido vista pela Igreja como uma maneira de transgredir à sua ordem, e “o mínimo que poderia ser feito para amenizar o problema era o aprisionamento dentro dos muros do convento.” (BROWN, 1987, p. 193)

Para finalizar, a história de Benedetta e Bartolomea nos dá a possibilidade de conhecer a efetivação da atração/prazer/amor entre mulheres, dos códigos culturais que são transgredidos em nome do desejo. As duas freiras não se furtaram ao calor que os braços uma da outra poderiam proporcionar em nome dos votos de castidade prestados. A relação das freiras nos faz “pensar nos desejos a voar para/por múltiplas direções, como se ao som de uma música que nos toma, abrissemos os braços e no salão nada mais nos tocassem, a não ser os lábios e o corpo inteiro de quem nos arrebatava e nos faz arder de vontades.” (VIEIRA; MAIOR JR., 2013, p. 9)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Pinto. **O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas.** Revista Iberoamericana. Vol. LXV, Núm. 187, Abril-Junior 1999; 405-421

BROWN, Judith. **Atos Impuros - a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença.** Tradução de Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso – Estudos sobre homoerotismo II.** São Paulo: Editora Escuta, 1995.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 430-50

FAVARIN, Adriano. É o azul que incendeia, arde e irradia! Disponível em:
<http://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2014/02/c3a9-o-azul-que-incendeia.pdf> >

Acesso 05 de jun 2014.

MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SWAIN, Tania Navarro. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? In: **Fronteiras de Gênero**. Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras. Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: ANPUH, 1999.

____ **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos).

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. “**A única coisa que nos une é o desejo**”: produção de si e sujeitos do desejo na vivência do homoerotismo em Campina Grande/ PB. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Campina Grande. 2006.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida; MAIOR JR., Paulo Roberto Souto. “TEK! TEK!” - Abra passagem: por uma possibilidade de leitura das experiências lesbianas a partir do romance “Pecados Safados”. In: **Anais do Fazendo Gênero 10: Desafios atuais dos feminismos**. Disponível em

http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1387471568_ARQUIVO_KyaraMariadeAlmeidaVieira.pdf > Acesso em 12 de jun de 2014.